

## O Diário de Ribeirão Preto

24/5/1985

### Capitão adverte: não admitirá piquetes

O clima de maior tensão no dia de ontem foi registrado em Pitangueiras, município de 20 mil habitantes, a 50 quilômetros de Ribeirão Preto. A polícia acabou com os piquetes nas saídas da cidade, o que gerou revolta entre os trabalhadores dispostos a continuar com o movimento. Metade dos cortadores de cana — desencontrados — voltou ontem ao trabalho.

A advogada Olga Melzi, da Fetaesp, denunciou a polícia de invadir casas de trabalhadores, na periferia "forçando o pessoal a ir para a roça". Dois bóias-frias detidos em um bar, quando discutiam a greve, foram liberados à tarde, com a intervenção do deputado estadual Waldir Trigo (PMDB). Os dirigentes sindicais trocaram muitas acusações com o capitão Milton Pink, comandante do 13º Batalhão de Bebedouro, que está instalado no Destacamento da PM em Pitangueiras.

"Ele está confundindo arbitrariamente o direito ao trabalho com obrigação de ir trabalhar", disseram os diretores da Federação dos Trabalhadores, acusando-o de ressuscitar as práticas da Velha República. Pink, de seu lado, garantiu ter recebido ordens superiores para agir com rigor, e exibiu um manual de sete folhas, elaborado por ele próprio, onde se diz basear para orientar seus soldados e agir contra os piquetes. Afirmando que protegera "o direito à vida de todos os trabalhadores e a liberdade de ir e vir, como prevê a Constituição", o capitão informou que não tolerará aglomerações ou piquetes, apreendendo os instrumentos de trabalho dos bóias-frias para que "não sejam utilizados como armas durante um confronto". A cidade está fortemente policiada e, à noite, cerca de 400 cortadores de cana decidiram em assembléia prosseguir com a greve, apesar do clima de intranquilidade. Em Bebedouro, onde os 6 mil apanhadores de laranja estão em greve desde segunda-feira, a indisposição entre os piqueteiros e 200 soldados da tropa de choque da PM de São Paulo, assustou os 70 mil habitantes do lugar. Houve um princípio de tumulto, mas a situação acalmou-se por volta das 11 horas, quando um helicóptero da Polícia Militar sobrevoava a cidade. Também não foram permitidos piquetes na rodovia Armando de Sales Oliveira e o delegado Lucius Miziara liberou na madrugada cinco pessoas presas sob o pagamento de fiança.

Os empreiteiros de Barrinha, a 40 quilômetros de Ribeirão Preto, ocuparam as principais ruas do centro da cidade de 12 mil habitantes — que eleva-se para 18 mil durante a safra da cana — e exigiram, sem êxito, providências da polícia para transportarem os bóias-frias para as usinas da região. Cerca dos 1.500 das 12 mil em greve decidiram prosseguir com o movimento durante uma assembléia realizada pela manhã no Estádio Municipal.

Em Pontal, onde todos os 10 mil bóias-frias continuam parados, os piquetes resolveram liberar a passagem de 300 funcionários dos escritórios das três usinas locais, que haviam entrado com recurso na justiça para assegurar esse direito. A chegada de uma tropa da cavalaria chegou a causar um princípio de pânico mas nenhum incidente foi registrado. Em Sertãozinho, onde está instalado o QG da greve no ginásio de esportes, a paralisação atinge todos os 15 mil cortadores de cana e, ontem, menos de cem dos 500 caminhões de cana que diariamente chegam a Usina Santa Elisa, a maior da cidade de 70 mil habitantes, conseguiram passar.